

APRESENTAÇÃO DA SEÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA

ENSINO DE HISTÓRIA E DECOLONIALIDADE:
APONTAMENTOS SOBRE RAÇA E GÊNEROJÚLIA MONNERAT BARBOSA¹

A seção de Ensino de História da revista *Fronteiras & Debates* traz, nesta edição, dois artigos que propõem uma perspectiva contra-hegemônica para se pensar no currículo e na história da educação básica, colocando em evidência a seleção e o silenciamento de conteúdos como resultados de sistemas de exclusão e opressão característicos de nossa sociedade. Pensar um ensino de história conectado às experiências concretas de alunas, alunos, professoras e professores leva a questionamentos sobre temas candentes de nossa realidade. Os artigos dessa seção trazem para o centro de seus questionamentos a possibilidade de se abordar raça e gênero como elementos articuladores de nossa reflexão histórica.

Os artigos apresentados são frutos de inquietações apresentadas pela prática docente de seus autores. Larissa Costard, Erika Bastos Arantes e Rafael Maul de Carvalho Costa, trabalharam na educação básica e pública no estado do Rio de Janeiro e, através do contato com turmas superlotadas de filhos e filhas da classe trabalhadora, em sua maioria afrodescendentes, viram surgir os caminhos das pesquisas que desenvolvem agora, como professores de ensino de história em Universidades do mesmo estado. Em comum têm como referenciais a pedagogia crítica, a história vista de baixo e, sobretudo, uma perspectiva decolonial. Em seus artigos, propõem possibilidades de uma prática pedagógica que contribua para a desnaturalização das relações socialmente construídas de raça e gênero. Ao trazer à baila essas questões, evidenciam como o silenciamento das mesmas no cotidiano escolar contribui para a perpetuação do racismo e do machismo como formas de opressão cotidianas e corriqueiras.

A partir dos textos desta seção é possível questionar (e indicar a necessidade de

¹ Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professora do Curso de Licenciatura em História e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Amapá (Unifap).

rompimento com) uma história única, oferecendo, como contrapartida, a possibilidade de se pensar em um ensino de história referenciado na perspectiva dos oprimidos ou silenciados, daquelas e daqueles que são apresentados na história ensinada como grupos subalternos de pessoas, menos merecedores de direitos, de respeito ou de dignidade.

Ao levantar questões sobre raça, gênero e classe, os sistemas de opressão que constituem a tessitura histórica e social no Brasil, o autor e as autoras optam por pensar no currículo de maneira crítica, opondo-se ao tecnicismo e à hierarquização entre os saberes produzidos na academia e na educação básica, oferecendo investigações teóricas que problematizem esta mesma realidade e que pautem a construção de novas possibilidades sociais.

Em “Gênero, currículo e pedagogia decolonial: anotações para pensarmos as mulheres no ensino de História”, Larissa Costard articula uma investigação de possibilidades teóricas que permitam “questionar que histórias e que mulheres estão presentes na construção do saber histórico escolar”, bem como propõe uma discussão sobre currículo que evidencie processos de disputa que privilegiam determinadas identidades sociais em detrimento de outras, consolidando uma perspectiva patriarcal de nosso capitalismo.

Ainda dentro da perspectiva decolonial, Erika Bastos Arantes e Rafael Maul de Carvalho Costa, em “Ensino de história, educação popular e descolonização: apontamentos sobre percursos cruzados”, colocam na centralidade de sua discussão a questão racial, identificando que “se na concepção das pedagogias críticas e da Educação Popular, o educando é sujeito do processo e da formulação do currículo no Brasil, este sujeito é, em sua maioria negro e mulher (não apenas enquanto maioria numérica, mas também sujeito coletivo sobre o qual convergem questões viscerais da nossa formação social)”.

Ambos os artigos, articulam-se a partir de uma pergunta central: o que deve ser “ensinado”? Ao pensarmos a realidade das salas de aula da educação no Brasil, somos levados a identificar a presença marcante do racismo e do machismo em nossa sociedade e em nosso cotidiano escolar. Através da leitura dos artigos aqui reunidos, é possível vislumbrar a importância de um ensino de história referenciado nas discussões por eles propostas.

A inquietação que surge após a leitura diz respeito a nossas escolhas: ao fazermos a seleção de conteúdo, ao fazermos nossas pesquisas historiográficas, ao pensarmos nossos currículos, ao nos municiarmos teórica e metodologicamente nas searas da história e da educação, somos, agentes de transformação ou de manutenção? Em que medida a professora ou o professor de história serve como ferramenta de consolidação de uma visão hegemônica que naturaliza sistemas de opressão característicos do capitalismo? É possível pensar em um ensino de história que tenha como horizonte a construção do novo? Cabem aos leitores buscarem suas respostas! Boa leitura!